1986: mais público para novos cinemas

A redução de 67% do público nos últimos 10 anos foi a causa principal do fechamento de 1 mil 848 cinemas no Brasil. Mas o aumento de 15% na freqüência às salas de exibição ocorrido no primeiro semestre deste ano — em comparação a igual período de 1985 — reanimou o setor e estimulou a construção de novos cinemas.

A partir da segunda metade da década de 70 a concorrência da televisão e a crise econômica afastaram o público dos cinemas brasileiros. Entre 1975 e 1985 as salas de cinema perderam 184 milhões de espectadores. Em 75 o total de ingressos vendidos alcançou 275 milhões 380 mil, porém em 85 não ultrapassou 91 milhões 300 mil.

Essa queda substancial do número de espectadores e a valorização do espaço urbano determinaram o fechamento de 1 mil 848 salas de exibição. No final do primeiro semestre de 1986, dos 3 mil 271 cinemas existentes no país em 1975 restavam apenas 1 mil 387.

Depois da decretação do Plano Cruzado as longas filas nas portas dos cinemas evidenciaram a revitalização do setor de exibição. Enquanto no primeiro semestre de 1985 as salas de cinema receberam 44 milhões 283 mil espectadores, de janeiro a junho deste ano o público totalizou 50 milhões 814 mil. Os dados estatísticos recolhidos e computados pela Embrafilme revelam um acréscimo equivalente a 15%, mas algumas empresas exibidoras registraram um aumento de aproximadamente 40% na fre-

Em 1936 a estréia de Bonequinha de Seda lotou o Cinema Palácio (Rio), hoje dividido em duas salas.

qüência de seus cinemas.

O lançamento da premiada produção brasileira de 85-86 contribuiu para trazer o público de volta aos cinemas. Filmes como *O Beijo da Mulher Aranha*, de Hector Babenco, *Eu Sei Que Vou Te Amar*, de Arnaldo Jabor, *A Marvada Carne*, de André Klotzel, *A Hora da Estrela*, de Suzana Amaral, *Com Licença, Eu Vou à Luta*, de Lui Farias, e *O Homem da Capa Preta*, de Sérgio Rezende, entre outros, lotaram as salas de exibição e permaneceram em cartaz durante muitas semanas. O público que prestigiou filmes brasileiros nos meses de abril, maio e junho deste ano superou em 37% o total de espectadores que assistiram às produções nacionais exibidas no segundo trimestre de 1985.

A recuperação do público deverá interromper a progressiva diminuição da quantidade de casas exibidoras instaladas no país. Entre o segundo semestre deste ano e os primeiros meses de 1987 novos cinemas serão inaugurados em diversas cidades brasileiras. No Park Shopping de Brasília estão sendo construídas oito salas de exibição que serão programadas pela Paris Filmes, a mesma empresa que abrirá dois cinemas em São Paulo e mais dois em Piracicaba. No Rio de Janeiro o Grupo Severiano Ribeiro anuncia a construçaõ dos cinemas Cascadura I e II e a Art Films inaugura em novembro os Cines Art Fashion Mall 3 e 4. Também foram reabertos alguns cinemas, entre eles

Bete Bulará

A freqüência às salas de cinema aumentou e o público fez fila para ver os bons filmes brasileiros.

o Ramos (ex-Rosário) e o Lux, no subúrbio carioca, enquanto outras antigas salas comerciais foram transformadas em espaços culturais alternativos, como o Cineclube Estação Botafogo (ex-Coper Botafogo), no Rio, o Cine Paraíso, em Juiz de Fora (MG), e o Cine Vila Rica, em Ouro Preto (MG).

Os projetos das novas salas procuram corrigir o descompasso entre os grandes cinemas do passado e o comportamento atual do espectador. São salas mais ágeis e funcionais, agrupadas em galerias e *shopping centers*, com capacidade para cerca de 300 espectadores, oferecendo estacionamento fácil e opções na programação.

As taxas de ocupação insignificantes tornaram anacrônicos os palácios de cinema característicos do apogeu da indústria cinematográfica. Construídos entre as décadas de 20 e 50, a maioria dos imensos cinemas — com capacidade para até 5 mil espectadores — foram demolidos para dar lugar a edifícios comerciais, bancos, supermercados, estacionamentos etc. Os que resistiram à crise e continuaram em funcionamento refletiram a decadência de uma atividade que durante meio século fora a maior diversão: poltronas danificadas, projeção deficiente, refrigeração defeituosa e programação de filmes pornográficos.

A inviabilidade econômica desses cinemas levou o exibidor a simplesmente dividi-los em salas menores e a deixar de investir na atividade. A falta de conservação das instalações e os equipamentos obsoletos comprometeram o conforto da sala e a qualidade da projeção, acentuando o afastamento do público.

O Centro Técnico Audiovisual da Embrafilme considera péssima a qualidade da projeção dos cinemas brasileiros e vem realizando estudos para elevar os padrões atuais. Segundo Affonso Beato, Superintendente do Centro, "o som e a imagem estão deteriorados, mas há perspectivas de melhoras. O exibidor sempre esteve interessado em obter um lucro rápido e por isso não colocava bons equipamentos e nem cultivava o público. Não investia na recuperação do cinema e cavava sua própria tumba. Mas ultimamente essa mentalidae está mudando, ele percebeu que o cinema pode voltar a ser um bom negócio". Depois da pesquisa e divulgação das condições básicas para uma boa projeção, a etapa seguinte do estudo seria estabelecer uma política de incentivo. "Teremos os parâmetros, divididos em cinco estrelas referentes a imagem, som, arquitetura, ventilação e extras (acessórios de superqualidade). Creio que deveríamos primeiro estabelecer uma política de incentivo para os cinemas que conseguirem um certo número de estrelas. Inicialmente, nós não temos que intervir, mas apenas estimular. Pelo que já observei, não há no Brasil nenhum cinema cinco estrelas, mas existem uns 10 que, com algum investimento, poderiam se tornar cinemas cinco estrelas. Deve haver cerca de 100 cinemas que poderiam ser transformados em salas de três ou quatro estrelas. O restante dos mil e poucos cinemas brasileiros não poderiam ter estrela nenhuma. Posteriormente, para a abertura de outros cinemas, deveriam ser exigidos certos padrões. Se vai construir, então construa bem. Os arquitetos terão que conhecer os parâmetros da acústica, da visibilidade; os técnicos deverão saber os padrões da intensidade luminosa da tela, do volume do som etc. Não é um investimento fabuloso e a possibilidade de recuperação é imensa. Ver e ouvir um filme projetado em condições ideais é um espetáculo emocionante".

Alguns cinemas inaugurados nos últimos anos dispõem de lâmpadas de *xenon* — que substituiu o carvão — e equipamento para som *dolby stereo*. Utilizados há muitos anos no exterior, ainda são novidades no Brasil. O *dolby stereo*, lançado por Dolby Laboratories, de Londres, em 1977, é um sistema de reprodução do som através de quatro canais estereofônicos que reduz consideravelmente o ruído. "Instalar o som *dolby stereo* num cinema — diz Beato — não é um investimento muito grande. O projetor é uma máquina de alta produção que roda 10 horas por dia, não há razão para estar descalibrado. O exibidor gasta mais dinheiro na *bombonnière* e nos letreiros do que na manutenção dos projetores. Mas o filme ser *dolby* e o cinema ter o sistema não garante que ele esteja regulado para se ouvir o som *dolby stereo*".

A Embrafilme desenvolve em Brasília o projeto inicial para melhorar a qualidae de nossos cinemas. O Distrito Federal foi escolhido por vários motivos: nele estão localizadas algumas das piores salas de exibição do país, constitui um universo completo e delimitado e possui uma quantidade de cinemas possível de ser totalmente atingida. Um comissão de técnicos da Embrafilme analisou os cinemas de Brasília e indicou cinco salas para serem recuperadas: Itapoã, Lara, Karim, Karim Guará e Itamaraty. Para estimular a melhoria da programação e da projeção das salas de cinema de Brasília, a Embrafilme criou os prêmios *Qualidade de Programação* e *Melhor Projecionista*, que serão concedidos trimestralmente por uma comissão formada por jornalistas, professores de cinema e profissionais ligados à atividade cultural cinematográfica.